

# A interface “Filosofia” e “Literatura” a partir do romance filosófico *O ingênuo* de Voltaire

DANJONE REGINA MEIRA

## Introdução

A obra *O ingênuo*<sup>1</sup> irrompe no cenário europeu no ano de 1767 como um romance filosófico do pensador francês Voltaire. Considerado como o seu último conto de grande importância. Caracteriza-se também como um romance satírico que expõe as contradições da sociedade de corte<sup>2</sup>. Nesta obra observa-se que a constituição da narrativa e a linguagem literária se voltam para as questões filosóficas. Isto significa que para se compreender esse escrito é necessário também entender a importância da interface entre literatura e filosofia expressa no romance filosófico. Por isso, torna-se fundamental apresentar alguns apontamentos que auxiliem na compreensão da essência do romance filosófico, sem, obviamente, pretender apresentar neste curto espaço a totalidade da teoria da estética e da literatura, mas, de estabelecer diálogos relevantes.

---

<sup>1</sup>“L’ingénu” (*O ingênuo*) é um dos escritos importantes do escritor e filósofo iluminista francês François Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire (1694-1778).

<sup>2</sup>O escrito retrata a monarquia na sociedade inglesa, destacando também um retrato do “século” de Luís XIV e detalhes do cenário da história da sociedade de corte na Europa.

Partiremos dos fundamentos da obra *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (1988) de Mikhail Bakhtin<sup>3</sup> para refletirmos sobre a natureza do romance filosófico. Apresentaremos também algumas características da teoria literária de Antonio Cândido, a partir do seu texto “A personagem do romance” presente na obra *A personagem de ficção* (1968). Levando em consideração este escrito procuraremos destacar ideias importantes do personagem central do romance.

Os aspectos aqui tratados propiciam um questionamento acerca da composição do romance em Voltaire, salientando as suas próprias peculiaridades de pensar e fazer romanesco. É natural que se considere o cenário político, ideológico e social de surgimento da obra. Um período marcado pelos ideais iluministas. Dessa maneira, buscamos ressaltar características importantes da obra considerando também as indagações suscitadas no próprio leitor em face do fazer literário de Voltaire. O propósito é desenvolvermos um diálogo apresentando reflexões teóricas acerca do cenário ficcional do romance filosófico, evidenciando a figura do personagem central. Nesse sentido, enfatizamos que o perfil do personagem se destaca como de grande relevância para a leitura do romance filosófico. Pois, a partir do personagem central, especialmente, se pode conhecer as “intenções autorais” da tessitura do romance.

## I. Filosofia e literatura no romance filosófico

### *O ingênuo*

A estrutura literária da obra e o seu aspecto filosófico demonstram a relação fundamental que há entre literatura e filosofia em Voltaire. Nesse sentido, a forma literária e o conteúdo filosófico dialogam na obra do filósofo. A forma é o romance com um conteúdo filosófico que desenvolve críticas de cunho social, político e artístico. A obra de Voltaire nos proporciona uma hermenêutica filosófica relevante para as abordagens contemporâneas acerca da natureza da filosofia e da tarefa do pensamento filosófico.

---

<sup>3</sup>Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) foi um filósofo e pensador russo, teórico da cultura européia e das artes. Importante estudioso da linguagem e da constituição de obras literárias.

A investigação de uma época no escrito *O ingênuo* se apresenta como uma referência filosófica importante, desde que se leve em consideração dois princípios de Voltaire: a “sátira”<sup>4</sup> e a “ironia”<sup>5</sup>. Em primeiro lugar, enfatiza-se que a metodologia de Voltaire no romance filosófico é a de expor características do pensamento da sociedade que se contrapõem ao pensar e fazer filosófico. Desse modo, podemos afirmar que há uma perspectiva filosófica da natureza e da vida exposta no romance de Voltaire. No sentido de que a obra aponta para um determinado “modo de ser” de Voltaire.

O filósofo empreende uma análise, de certo modo, “histórico-filosófica” na obra *O ingênuo*. Conforme a apresentação do romancista francês André Maurois (1975, p. 23), no escrito *O pensamento vivo de Voltaire*, se entende que Voltaire

é um historiador, e o maior de seu século, sem dúvida. Escreveu não somente a história de Luís XIV e a de Carlos XII, mas foi um dos primeiros a tentar escrever uma história universal, com o seu Ensaio sobre os costumes.

Há, por exemplo, uma análise acerca da constituição dos saberes do homem na modernidade. Qual o caminho hermenêutico relevante para a apreensão do saber? De certa forma, essa é uma das perguntas que pode irromper a partir do romance. Em segundo lugar, destacamos que Voltaire examina os conceitos de “moral”, “conhecimento”, “sociedade”, “costumes” e “poder” com base na sociedade descrita em sua obra. Isto é expresso nos questionamentos constantes do personagem “Ingênuo” e do seu encontro decisivo com a “alta sociedade” da época. Além disso, a obra também expressa em certa medida uma análise da compreensão da verdade naquela sociedade, da constituição dos “juízos de valor” e do desenvolvimento da racionalidade.

Em face disso, o personagem “Ingênuo” representa o progresso da razão, do conhecimento ou da verdade, e, sobretudo, a instauração do pensamento filosófico. A trajetória do “Ingênuo” revela um objetivo peculiar do autor. Voltaire

---

<sup>4</sup>Sátira, emprego literário que ridiculariza um determinado tema.

<sup>5</sup>Uma forma de expressão literária que destaca o contrário daquilo que se pensa. Na literatura, o emprego da ironia é provocativo na tessitura do texto convocando o interlocutor da mensagem à uma reação.

consagra num só personagem: ciência e saber filosófico, enquanto pilares de uma sociedade esclarecida. O irônico desta representação é que a construção do conhecimento científico e filosófico se daria num personagem ingênuo, como o próprio nome diz, e, além disso, selvagem, um tipo humano diverso da civilização daquela época.

A temática filosófica de Voltaire denota um método de investigação do saber e do pensar filosófico acerca das questões fundamentais que norteiam o ser humano. A obra se desenvolve em torno de críticas e reflexões a respeito de temáticas como ciência, verdade, razão e modernidade. Diante disso, segundo o pensamento de Voltaire, a filosofia instauraria o caminho hermenêutico para se alcançar a verdade, a razão e, inclusive, o conhecimento científico. Pois, sem o pensamento filosófico o saber da ciência não seria possível.

O personagem “Ingênuo” representa também uma crítica ao consequente desaparecimento da dimensão crítica da atividade filosófica e a tarefa da criação do novo. O “Ingênuo” é a irrupção do pensar filosófico enquanto tarefa do pensamento. A filosofia se desenvolve no personagem, ao longo do texto, como uma tarefa. Além disso, o personagem também representa a valorização da literatura, da poesia, dos saberes científicos e da linguagem filosófica. O “Ingênuo” enquanto selvagem é apresentado no romance como “culturalmente avançado” nas artes, no saber, na língua, nos diálogos entre os povos, no conhecimento de uma lei pura, na compreensão da justiça, do juízo e do direito. Eis mais um aspecto irônico de Voltaire: “Ingênuo”, embora não conhecedor de convenções sociais e não conhecedor da Bíblia, é o ser humano verdadeiramente civilizado.

“Ingênuo” como um pensador filosófico representa uma transgressão do pensamento dogmático. Assim, “Ingênuo” representa a abertura dialógica e a abertura do pensamento para a filosofia. É o personagem que retorna aos saberes, os questiona e propõe novos debates sobre temas fundamentais que dizem respeito ao homem de um modo geral.

Nessa perspectiva, é importante questionarmos: qual o sentido literário da obra *O ingênuo*? Em Voltaire os fundamentos da filosofia e da literatura estão em constante diálogo enquanto viés hermenêutico relevante para o desenvolvimento do pensar filosófico. É importante enfatizarmos que o pensar filosófico é apresentado por Voltaire num discurso do romance.

Vale ressaltar que a filosofia em Voltaire está relacionada à história e aos fundamentos literários. As formas literárias são fonte de expressão filosófica para o autor. Nessa perspectiva, a forma literária da obra expressa, até certo ponto, o romance de narrativa de aventuras de um herói e angustiante personagem: o “Ingênuo”. Segundo o filósofo Franklin de Matos em seu artigo “*O Ingênuo*” e *as aventuras da formação* (MATOS, 1994, p. 10): “Voltaire começa a parodiar um romance de aventuras e, mal esboçada a paródia, interrompe-a”. Entende o filósofo que a paródia é interrompida por Voltaire, transformando a obra num romance de formação, que é a antítese do romance de aventuras. Há uma dualidade presente no conto, dividindo o conto em duas partes. Franklin de Matos (1994, p. 10) indica tal dualidade na seguinte afirmação: “‘O Ingênuo’ oscila do riso às lágrimas”.

A primeira parte do conto é caracterizada pela sátira por excelência, e se passa no cenário da Bretanha, narrando a chegada do “Ingênuo ou hurão” até a sua partida para a Corte. Já a segunda parte evidencia o aspecto patético do conto, segundo Franklin de Matos (1994, p. 10), narrando o cenário de Paris e Versailles, quando da chegada do “Ingênuo” na Corte até o seu engajamento enquanto oficial. Ainda, segundo Matos (1994, p. 10), este aspecto patético do conto se dá, especialmente, devido o tema da “inocência punida”, concretizada no protagonista “Ingênuo”, que é embastilhado, e na de Mlle. de Saint-Yves, cuja virtude acaba por ser sacrificada. O romance filosófico *O Ingênuo* é, portanto, um romance de formação, especialmente, porque a natureza do herói “Ingênuo” é uma “unidade dinâmica”, onde o “tempo se introduz no interior do homem, impregnando-lhe toda a imagem, o que modifica a significação substancial de seu destino e de sua vida”, conforme enfatiza Franklin de Matos (1994, p. 10).

A pesquisa de Franklin de Matos (1994, p. 10) é fundamental para compreendermos a singularidade do romance filosófico *O Ingênuo*. Assim, tal romance filosófico não pode ser considerado em sua essência e totalidade como um romance de aventuras, especialmente, porque o caráter do herói “Ingênuo” não é imóvel e sem devir tal como se mostra na “unidade estática” da narrativa do romance de aventuras.

Nessa perspectiva, também podemos considerar que Voltaire apresenta no escrito *O ingênuo* um romance indianista, característica marcante de muitos

romances do século XVIII na França. O romance indianista inaugura, especialmente, a busca por um herói nacional. Alguns elementos do “Ingênuo” se revelam fundamentais para que ele seja tratado como inovador naquela sociedade e como um novo perfil de existência. Assim, podemos perceber um novo estilo literário em Voltaire, a presença deste novo estilo literário acompanha uma perspectiva iluminista de pensamento que considera a boa crítica em face da realidade. Nesse sentido, o romance *O ingênuo* também pode ser compreendido como um romance de cunho iluminista.

Os elementos que chamam a atenção no Voltaire – e que aqui nos interessam – são os seguintes: ponto de vista do protagonista; alternância de vícios e virtudes; metamorfose do protagonista; sátira social e pluralidade de leituras. Destacamos que a criação literária de Voltaire se demonstra tanto como a irrupção de um estilo literário novo quanto aporte de pensamento político, filosófico e social do autor.

Voltaire narra na primeira parte do conto, conforme mencionamos anteriormente, a história de aventuras do “Ingênuo” e na segunda parte do conto destaca, especialmente, os sofrimentos do “Ingênuo” e seu espírito crítico. O narrador é igualmente atuante na construção do discurso romanesco<sup>6</sup>, no sentido de que expressa as ações dos personagens com esmero e profundidade, ressaltando a diversidade das vozes e as peculiaridades dos sujeitos. Os detalhes dos personagens narrados evidenciam as suas personalidades que fazem com que o discurso do romance se torne mais enriquecedor. Reconhecemos em Voltaire um espírito inovador, pois toda a construção do romance filosófico denota a relevância do caráter de filósofo e de viajante do personagem “Ingênuo”. Com isso, vemos que os diálogos desenvolvidos em torno do protagonista e sobre ele, evidenciam não apenas uma perspectiva de aventura do romance, mas, sobretudo, o caráter de questionamento filosófico da obra e a dimensão da filosofia para Voltaire.

No escrito *O ingênuo* é exposto ao leitor um protagonista em toda a sua dimensão e profundidade que pensa sobre os fundamentos da existência e é atuante no cenário do romance enquanto um personagem que se revela em cada passo dos acontecimentos do romance. Há o desenvolvimento de uma crítica social mediante eventos cômicos. O personagem “Ingênuo” vivencia os seus sofrimentos não de maneira cômica, mas, ao leitor a presença desse aspecto cômico

---

<sup>6</sup>Discurso presente na linguagem do gênero literário romance ou gênero romanesco.

é evidenciada na construção artística de Voltaire. Ressaltamos, nesse sentido, a presença de todo um jogo literário que apresenta a passagem do cômico para o trágico, e vice-versa. Na tessitura do escrito há uma sucessão de eventos que denotam alegrias, surpresas, desgraças, movimentando o discurso romanesco ao decorrer da narrativa.

Vale ressaltar que no romance, os costumes dos povos, as diferenças religiosas e as discussões políticas também representam o caráter de sátira de Voltaire. A intolerância religiosa da igreja, o fanatismo religioso, o comportamento dos membros da igreja e a ordem política são motivos de sátira para o filósofo. Nesse sentido, o romance filosófico de Voltaire não representa apenas uma sátira social, mas também uma sátira de cunho filosófico.

Outro ponto interessante a se destacar é que as imagens da linguagem apresentadas na obra de Voltaire denotam o aspecto de polifonia do romance filosófico e a natureza do discurso na estrutura e composição literária. A estética da criação literária do romance filosófico apresenta o aspecto de “polissemia da criação verbal”, ou seja, há o surgimento de mais de um significado autoral e literário na criação do romance, seja ele de cunho filosófico, moral, metafísico, político, social e existencial.

Nesse sentido, a composição literária do romance filosófico é polissêmica, pois, aponta para além das intenções e perspectivas do autor. Não é apenas um mero reflexo de experiências e compreensões filosóficas de Voltaire, mas, o romance em si alcança um *status* de autonomia da criação literária revelando as próprias características dos personagens, do universo do romance e se direcionando aos destinatários de cada época para qual o romance se destina.

Desse modo, o romance filosófico é polissêmico por possuir mais de um significado, por poder conter em si perspectivas filosóficas do autor, o caminho existencial do protagonista e intenções dos personagens. Fazendo o leitor, independente da sua época, refletir sobre temáticas passadas, presentes e futuras, sobre a existência humana, angústias, sofrimentos, estrutura social, pensamento, etc. Assim sendo, a criação literária do romance é autônoma, tem o seu próprio ser, destaca a sua verdade, não se prendendo à contextos sociais. Por isso, nessa perspectiva, há uma unidade na estrutura literária do romance filosófico independente de tempos verbais.

Com base nisso, procuraremos ao longo do texto ressaltar algumas características do estudo do discurso do romance filosófico a partir da singularidade do pensamento de Mikhail Bakhtin. Consideramos a importância da análise dialógica do discurso exposta por Bakhtin para refletirmos sobre o romance filosófico *O ingênuo*. Isso expressa a perspectiva hermenêutica de diálogo<sup>7</sup> presente nesta pesquisa, a fim de possibilitar alguns diálogos com determinados pensadores considerados relevantes para a compreensão da interface filosofia e literatura.

É importante destacarmos que a criação literária da obra *O ingênuo* ressalta a composição do discurso do romance dentro da estrutura literária como linguagem em movimento. As especificidades das falas dos personagens no escrito, o mundo de cada personagem, o contexto de relações em que eles estão inseridos, além do contexto do mundo físico da obra, ressaltam o desenvolvimento da linguagem e a singularidade do discurso dos personagens. A obra literária, em especial, o romance filosófico, possui essa característica primordial de dinamicidade entre personagens e autor que revela toda a profundidade do discurso.

É importante destacarmos, nesse momento, alguns aspectos do sentido do “discurso”, segundo Bakhtin. Especialmente, em sua obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, podemos notar pontos importantes da natureza do discurso. Afirma Bakhtin (2005, p. 181): “temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso”. Desse modo, o discurso se caracteriza como a dimensão viva, dialogal e social da obra de arte literária, presente também na linguagem do discurso romanesco.

Nesse contexto, vale ressaltar que, um conjunto de sujeitos que não são em si o autor, a intencionalidade das falas, a apresentação das temáticas, o cenário do escrito, as paisagens, a contagem do tempo e a dimensão do espaço denota todo o universo da obra em diálogo com o universo do autor e também do leitor. Um leitor não descuidado do escrito *O ingênuo* poderá identificar na obra as

---

<sup>7</sup>Para refletirmos sobre a interface “Filosofia” e “Literatura” no romance filosófico “O Ingênuo” de Voltaire, é importante seguirmos um caminho interpretativo dialogal (denominamos de hermenêutica de diálogo tal caminho interpretativo), que considera o diálogo presente entre filosofia e literatura na estrutura da obra de arte literária do romance filosófico.



idiosincrasias de Voltaire, suas perspectivas filosóficas, e procurará compreender algumas de suas experiências que possivelmente influenciaram na construção da narrativa do romance. Respetivamente, o estudioso do romance reconhecerá as dimensões do escrito no que tange à dinâmica do discurso dos personagens e da narrativa, e do discurso que irrompe no próprio cenário de paisagem e mundo físico da obra.

A composição do universo da obra pode não conter com precisão a localização histórica e temporal em correspondência exata com a realidade, no entanto, há um propósito literário, autoral e artístico por trás da ficção que está presente no romance filosófico. Daí a importância de se compreender a presença da heterogeneidade<sup>8</sup>, uma das características fundamentais do romance, seja através dos personagens, do protagonista do romance, da linguagem da obra literária ou da narrativa do autor, se destacando em *O Ingênuo* a presença da dualidade e do paradoxo enquanto essência deste romance.

Pensando sobre a natureza do romance filosófico, entendemos que há uma complexidade no romance filosófico constituída por relações sociais, ideológicas, culturais, políticas e filosóficas que extrapolam a época do escrito e vão repercutir no tempo presente. Isso evidencia, sobremaneira, a atualidade do romance filosófico, caracterizando também a natureza da tessitura literária do romance, a saber: a dialogicidade.

Há na linguagem do romance filosófico a presença da dialogicidade que é inerente à própria constituição da linguagem da obra literária. Os personagens “dialogam” mesmo quando estão em silêncio na narrativa, pois, seus comportamentos, atitudes, sua localização no tempo e espaço, e as ações em si denotam suas angústias, sofrimentos, suas personalidades, assim como, a intencionalidade do autor na construção da obra. Isso também é possível através da imaginação do leitor para compreender as características do propósito da obra, mesmo quando os personagens se encontram em silêncio.

Nessa perspectiva, segundo Bento Prado (2008, p. 233):

[...] o prestígio do imaginário, investido na vida camponesa, permite

---

<sup>8</sup>Constituído de caracteres diversos. Um dos marcos da heterogeneidade é a presença dos outros.

ao leitor solitário imaginar sua própria vida e aceder assim à adequação máxima entre desejo e poder: bondade e virtude tornam-se para ele uma atmosfera tão imediata quanto o ar que respira, sem esforço, trabalho e reflexão.

A imaginação é um caminho hermenêutico que emerge da própria obra de romance filosófico e se apresenta no leitor mediante a identificação deste com a composição literária do escrito. Não somente à um leitor solitário, mas devido, a própria dinâmica discursiva, polissêmica e dialógica da obra de arte, a linguagem do romance filosófico atinge qualquer leitor. Assim sendo, vale mencionar o comentário de Benedito Nunes (1999, p. 28): “para Voltaire, [...] a imaginação era uma espécie de entusiasmo, que deveria intervir na hora certa, isto é, não no momento da concepção, mas da execução da obra”.

A dialogicidade do romance filosófico também se expressa na polifonia ou vozes, ou seja, há várias vozes intercaladas no discurso da obra. Sua importância denota ainda a conjuntura dinâmica do romance. Nesse sentido, Voltaire recorre à comportamentos da época, a vida da sociedade, a perspectiva social dos personagens, a personalidade dos sujeitos, a religiosidade e o poder para expressar toda a dimensão do romance *O ingênuo*.

O romance é constituído também de articulação e polêmica sobre temáticas sociais presentes no discurso da obra. As falas dos personagens expressam as suas proveniências sociais, seus *status*, suas cosmovisões e a diversidade de grupos sociais na obra, ressaltando toda a estrutura literária e arquitetura das vozes dos personagens como representação das perspectivas filosóficas e críticas sociais de Voltaire. A imponência das vozes, as formas de se conduzirem os personagens no tempo e espaço do universo da obra, os momentos de silêncio dos personagens, todo o itinerário de diálogo dos sujeitos e o caráter dos discursos ressaltam, sobretudo, a natureza filosófica do romance. O modo como as diferentes vozes se estruturam no discurso romanescos apresenta, assim, a dinâmica da linguagem e a sua complexidade.

No escrito *O ingênuo* nos chama a atenção também a evocação do protagonista do romance como um modelo de existência, enquanto a irrupção de pensar filosófico e também como imagem de diálogo. O que se desvela nessa obra é

um “Ingênuo” que é um filósofo. A obra convoca também para a reflexão das distinções sociais, a forma de apreensão do conhecimento, o valor dado ao conhecimento, a descoberta, a curiosidade, o paradoxo da existência e a resistência do “Ingênuo” em face da intolerância religiosa, imposição de costumes, preceitos éticos e morais.

Tendo em consideração as características do romance filosófico, em *Questões de literatura e de estética* de Bakhtin, verificamos a análise do discurso no romance a partir da concepção do discurso literário. É importante ressaltarmos que a forma e o conteúdo estão unidos no discurso. Há uma unidade primordial entre a forma e o conteúdo no discurso romanesco. Desse modo, vemos a fundamental relação da filosofia e literatura no discurso do romance. Assim, a arquitetura das vozes dos personagens, o desenvolvimento dos diálogos, a construção do espaço e tempo e as paisagens se encontram em unidade de sentido e correspondência no romance.

Outro ponto interessante é a estilística do gênero que apresenta uma autêntica abordagem filosófica de Voltaire, ressaltando os grandes destinos anônimos do discurso literário, além das tendências e características individuais dos personagens. Nessa perspectiva, o discurso em sua natureza pode ser compreendido como um fenômeno social. Todas as características da existência do discurso, em especial, o discurso romanesco, são sociais. Com base nisso, não ignoramos a vida social do discurso que existe para além da criação do escritor, pois, o fenômeno social é um caráter inerente da vida do discurso.

A partir de uma consideração do pensamento filosófico de Bakhtin, destacamos a originalidade estilística (artisticamente prosaica) do discurso do romance. O discurso romanesco enquanto fenômeno social coloca em relevo a língua na estrutura dialógica do romance, a expressividade dos personagens, a imagem do universo da obra e a “força” do discurso. Com base nisso, podemos perguntar: qual a essência do discurso do romance? É necessário considerarmos a importância literária do discurso e também a sua dinâmica. A essência do discurso romanesco seria a unidade verbal e harmônica de toda a obra literária<sup>9</sup>.

No que concerne à linguagem inerente do discurso, enfatizamos que a lin-

---

<sup>9</sup>Bakhtin (2002, p. 73) destaca que somente “a partir da década de 20, o discurso romanesco em prosa começou a conquistar sua relevância na estilística”. Cf. BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 2002. p. 73.

guagem do romancista possui grande importância na composição do discurso romanesco. Nesse sentido, é relevante tomar o romance em sua totalidade e considerá-lo sob uma perspectiva de unidade. A partir disso se reconhecerá o romance enquanto um fenômeno pluriestilístico, plurilíngüe e plurivocal. Isso ressalta a heterogeneidade do discurso romanesco mediante a diversidade de planos linguísticos presentes no escrito e que se encontram submissos às regras estilísticas diferentes.

Para Bakhtin (2002, p. 73) isso constitui a originalidade estilística do gênero romanesco, nesse sentido assinala:

Estas unidades estilísticas heterogêneas, ao penetrarem no romance, unem-se a ele num sistema literário harmonioso, submetendo-se a unidade estilística superior do conjunto, conjunto este que não pode ser identificado com nenhuma das unidades subordinadas a ele. A originalidade estilística do gênero romanesco está justamente na combinação destas unidades subordinadas, mas relativamente independentes (por vezes até mesmo plurilíngües) na unidade superior do “todo” [...].

A polissemia<sup>10</sup> do romance também se apresenta na estrutura do seu estilo. Dessa forma, o estilo do romance é uma concatenação de estilos. A linguagem do romance representa, nesse sentido, um sistema de “línguas” harmônico. Dessa maneira, os elementos que compõem a linguagem do romance são marcados por uma unidade estilística. Assim, o discurso estilisticamente individualizado do personagem, por exemplo, está diretamente relacionado ao todo da linguagem do romance. Segundo Bakhtin (2002, p. 74), “o romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais”.

É por causa desse plurilíngüismo<sup>11</sup> social e do desenvolvimento no romance de vozes diferentes que o discurso romanesco harmoniza todos os seus temas, todo o seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo. Nessa perspectiva,

---

<sup>10</sup>Se refere a dimensão do discurso do romance, indicando seus muitos significados ou sentidos.

<sup>11</sup>Se refere à várias línguas e toda a variedade linguística.

a singularidade fundamental da estilística romanesca é o discurso, que podemos compreender também no sentido de movimento da linguagem do romance que passa através de línguas e diálogos. No caso do romance filosófico há um diálogo com gêneros retóricos vivos, por exemplo, a filosofia; a moral. Nessa profunda inter-relação mútua o discurso do romance mantém o seu caráter original irreduzível aos elementos extraliterários da prosa.

Dessa maneira, vale ressaltar que a singularidade do romance enquanto um gênero literário é a sua possibilidade de abertura discursiva para além da estrutura literária. Sobre isso enfatiza Bakhtin (2002, p. 85),

A orientação dialógica do discurso para os discursos de outrem (em todos os graus e de diversas maneiras) criou novas e substanciais possibilidades literárias para o discurso, deu-lhe a sua peculiar *artisticidade em prosa* que encontra sua expressão mais completa e profunda no romance.

A estética do discurso do romance filosófico se demonstra na sua característica primordial de *artisticidade em prosa romanesca*<sup>12</sup>. No processo dialógico do discurso romanesco, a *artisticidade em prosa* desvela a dinâmica do discurso, porque é a partir dela que o discurso literário do romance se constitui em abertura artística. Para Bakhtin (2002, p. 88), o objeto do discurso:

é para o prosador a concentração de vozes multidiscursivas, dentre as quais deve ressoar a sua voz; essas vozes criam o fundo necessário para a sua voz, fora do qual são imperceptíveis, “não ressoam” os seus matizes de prosa artística. O artista-prosador edifica este multidiscurso social em volta do objeto até a conclusão da imagem, impregnada pela plenitude das ressonâncias dialógicas, artisticamente calculadas em todas as vozes, e entonações essenciais desse plurilingüismo. [...] A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo

---

<sup>12</sup>Consideramos, segundo o pensamento de Bakhtin, que este termo indica o caráter artístico da obra de arte literária do romance. Nessa dimensão artística da prosa do romance, o discurso apresenta um aspecto singular, demonstrando uma interação viva e dialogal na narrativa e na relação autor, leitor e obra no seu contexto histórico-social.

o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa.

Nessa perspectiva, o discurso romanesco surge também no diálogo como a sua réplica viva, constitui-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem presente no interior do objeto. A compreensão que o discurso romanesco tem de seu objeto é também dialógica. Desse modo, a dialogicidade presente no discurso se desvela na orientação do discurso para a resposta. Sobre isso, conforme Bakhtin (2002 p. 89):

Todas as formas retóricas e monológicas, por sua construção composicional, estão ajustadas no ouvinte e na sua resposta. A resposta compreensível é a força essencial que participa da formação do discurso e, principalmente, da compreensão ativa, percebendo o discurso como oposição ou reforço e enriquecendo-o.

Nesse contexto, uma das características fundamentais da abertura do discurso é a presença da polifonia. As figuras humanas representadas nos personagens demonstram a irrupção da polifonia no discurso, bem como a multiplicidade de línguas diferentes. Isto caracteriza o teor e a força dos personagens, em especial, do protagonista do romance para onde o conjunto de vozes dos sujeitos da narrativa acabam se direcionando.

Pensando a partir da teoria dialógica do discurso de Bakhtin, vale ressaltar que o discurso ganha vida na tessitura do texto, na fala dos personagens e na imaginação do leitor. Isso também representa a vida da criação verbal e linguística do texto, e, sobretudo, o movimento da linguagem do romance. Em cada personagem há um mundo de linguagem, uma peculiaridade da “língua”, noutras palavras, o irromper do discurso em abertura dialógica. O romance reúne, assim, numa unidade verbal todos esses mundos e línguas num universo dialógico. Reúne os diversos elementos literários, mas, os permite estar em constante abertura. Por isso, os elementos extraliterários são igualmente importantes, tais

como a característica de um leitor, se é um leitor solitário ou não, e, também, a imaginação é um viés importante para a compreensão de um romance.

## 2. O mundo do “Ingênuo”

A obra *O ingênuo* narra as características principais das relações da sociedade de corte, empreendendo uma crítica social à máquina burocrática do Estado e ao abuso de poder de grupos sociais dominantes. Denuncia a partir da figura do “Ingênuo” a forte corrupção da igreja, do Estado e da sociedade num mundo de aparências e de convenções sociais. O romance também se contrapõe a prevalência da moral e costumes sociais que privam as liberdades e individualidades do ser humano.

Ao longo da narrativa verifica-se a centralidade do papel da religião na sociedade, tendo grande importância nas tomadas de decisões das pessoas e no controle do exercício das vontades. Voltaire destaca que há um forte jogo de poder entre o Estado, igreja e sociedade, onde as pessoas são apenas peças que são controladas ao bel prazer das classes dominantes. Em face disso, Voltaire critica toda a estrutura social e a ausência de pensamento filosófico enfatizada na maioria dos personagens. Nesse sentido, os personagens daquela sociedade são a representação da sociedade que não pensa, mas que apenas aceita de prontidão as convenções sociais.

É importante ressaltar que Voltaire desvela a própria natureza do romance filosófico na sua criação literária. A partir de uma leitura de *O ingênuo* podemos evidenciar as características do estilo literário do autor. Nesse sentido, conforme o pensador Starobinski, há no escrito *O ingênuo* do filósofo Voltaire a “quintessência de seu espírito – o estado final de sua filosofia” (STAROBINSKI, 2000, p. 142). Contrapondo a ideia de que o selvagem<sup>13</sup> era primitivo e não desenvolvia a razão, o personagem “Ingênuo” de Voltaire é a irrupção do pensamento filosófico;

---

<sup>13</sup>O pensador Sérgio Milliet na introdução ao escrito *O ingênuo*, destaca o seguinte: “o interesse deste romance, está em consistir ele numa exposição crítica da tese de J. J. Rousseau sobre o homem natural. O princípio é bem característico da filosofia do genebrino: o ingênuo é honesto, franco, espanta-se com nossas ridículas convenções, mas a conclusão se revela contrária a ideia da volta à natureza”. Cf. MILLIET, S. Introdução. In: VOLTAIRE. Contos. São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 299.

é também o enaltecimento da filosofia como salvação da humanidade. A filosofia é enaltecida como caminho viável para a apreensão do conhecimento e para um novo “modo de ser”.

Nesse sentido, vemos que as perspectivas do autor são detalhadas nos debates entre o “Ingênuo” e os demais personagens. No decorrer da narrativa, Voltaire evidencia a importância da experiência como método de conhecimento científico e também filosófico. Assim, a religião seria um caminho de alienação do conhecimento e de distanciamento do pensar filosófico. A presença do “Ingênuo” na Bastilha representa o encontro decisivo entre o personagem central e o monge jansenista Gordon, que passam a compartilhar a mesma cela. Encarcerado “Ingênuo” passa os seus dias adquirindo mais conhecimento e muitos debates acerca do conhecimento científico e filosófico são desenvolvidos.

Na construção da narrativa, toda a linguagem do romance filosófico é desenvolvida em torno da dinâmica do estilo literário de Voltaire. A função da linguagem no escrito é comunicar ao leitor o próprio crescimento dos personagens e as trajetórias no discurso romanescos, a posição social e o pensar dos falantes, assim como, a importância do conhecimento filosófico. Nenhum personagem, embora, possa ser um intolerante religioso, um alienado do pensamento filosófico, ou um amante da filosofia e dos saberes, é privado de desenvolvimento na narrativa. Eles se inter-relacionam sob a perspectiva de interação social, construindo e desconstruindo conceitos que são importantes para o pensamento filosófico. As formas que caracterizam as falas dos personagens representam a profundidade do discurso do romance filosófico.

Há o desenvolvimento de diálogo de diversas vozes sociais que expressam o poder e a submissão de sujeitos, o jogo de poder entre a igreja, Estado, sociedade e a necessidade apresentada pelo autor da instauração de um novo pensamento filosófico. Nessa perspectiva, a estrutura dialógica do romance ressalta o aspecto pluridiscursivo da obra. Outro aspecto importante a se ressaltar, é a presença de um retrato social complexo presente no romance. Considerando o plurilinguismo social, a multiplicidade das linguagens do mundo dos personagens, do autor, do leitor, a consciência da sociedade, verifica-se toda a estrutura de unidade verbal do tema do discurso romanescos. Todos os elementos literários e extraliterários mantêm uma unidade no interior do discurso do romance, seja como imagem do



personagem, do narrador ou do autor, na multiplicidade das linguagens.

Nesse sentido, o romancista Voltaire não conhece uma linguagem única na criação literária do romance filosófico. Mas podemos afirmar que a apropriação da linguagem é dinâmica. Há uma dimensão da linguagem no romance que se expressa em linguagens diversas ao longo do discurso. Desse modo, podemos afirmar, a partir do pensamento de Bakhtin, que a linguagem do romance está diretamente relacionada ao plurilingüismo. O discurso romanesco não pode esquecer as línguas múltiplas que penetram no enredo. Com base nisso, observamos que o plurilingüismo se apresenta materialmente na fala dos personagens e também se mostra como fundamento do diálogo no romance.

Nessa perspectiva, afirma Bakhtin (2002, p. 134): “uma característica extraordinariamente importante do gênero romanesco: o homem no romance é essencialmente o homem que fala”. O romance para existir necessita de falantes que desenvolvam a profundidade da linguagem e do discurso romanesco. Bakhtin confere grande relevância à fala da pessoa no romance. O diálogo dos falantes no discurso romanesco representa o mais importante princípio estético deste gênero de obra literária. Dessa forma, o que constitui a originalidade estilística do gênero romanesco: “é o homem que fala e sua palavra” (BAKHTIN, 2002, p. 135).

No romance filosófico, o discurso do sujeito falante é, fundamentalmente, uma representação artística. A pessoa que fala no discurso é também a representação do fenômeno social. Enquanto essencialmente social, o discurso do sujeito que fala é uma linguagem social. Nessa perspectiva, o personagem “Ingênuo”, em especial, pode ser considerado em certa medida um ideólogo e as suas palavras como sendo um ideograma<sup>14</sup>. Isso é característico, segundo Bakhtin, de todos os sujeitos que falam no romance. Assim, o “Ingênuo” demonstra a sua cosmovisão a partir de sua linguagem particular no romance. Com base nisso, ele representa o seu ponto de vista particular sobre o mundo que é constituído de uma significação social.

Como um ideograma, o discurso dos personagens se tornam objetos de

---

<sup>14</sup>“Todo produto ideológico (ideograma) é parte da realidade social e material que rodeia o homem, é momento de seu horizonte ideológico materializado”. Cf. *Obra* apresentada em 1928. BAJTÍN, M; *El método formal en los estudios literarios. Introducción crítica a una poética sociológica*. Madrid: Ed. Alianza Editorial, 1994. p. 48.

representação no romance, constituindo, sobretudo, um significado social. Desse modo, no romance filosófico se representa um sujeito falante que é também o ideólogo do esteticismo, que revela as suas vicissitudes e pensamento sobre a totalidade da vida, sobre o belo, a natureza, as leis, a ordem, o caos, etc. Assim é o retrato do personagem “Ingênuo” de Voltaire. A partir do pensamento de Bakhtin, podemos afirmar que até mesmo Voltaire, enquanto um esteta que cria o romance, converte-se num ideólogo que confere ênfase e que experimenta as suas concepções ideológicas, tornando-se também um apologista e um polemista.

Nesse contexto, a originalidade do romance filosófico está presente na pessoa que fala e no seu discurso. A ação e o comportamento dos personagens no romance são fundamentais para a manifestação e experimentação de suas posições ideológicas, bem como de suas palavras. Como vimos, o romance filosófico apresenta muitas perspectivas, e o herói, no caso, o “Ingênuo” pode agir em sua perspectiva particular, quando, por exemplo, ele pretende resgatar St. Yves do convento, incendiar o convento, se for possível, ou até morrer na tentativa de resgatar a sua amada. Assim, podemos destacar o “Ingênuo” como um herói pensante e agente, segundo a perspectiva do pensador Bakhtin.

Tendo isso em consideração, podemos afirmar que a ação do herói “Ingênuo” no romance é sempre enfatizada pela sua ideologia: ele vive e age em seu próprio mundo ideológico, ele tem a sua própria concepção do mundo, personificada em sua ação e discurso. Tudo isso se desvela a partir da análise do discurso do personagem. Conforme Bakhtin (2002, p. 137): “não é possível representar adequadamente o mundo ideológico de outrem, sem lhe dar sua própria ressonância, sem descobrir suas palavras”.

É importante ressaltarmos que em determinados momentos do romance, Voltaire não concede ao “Ingênuo” um discurso direto, mas, passa a narrar as suas ações. Essa atitude permite que se ressoe juntamente com o discurso de Voltaire também o discurso do próprio personagem “Ingênuo”. A linguagem do personagem “Ingênuo”, dos demais personagens e da obra são concretizadas sobre um plano social e histórico mais ou menos objetivado. Através disso se revelam as imagens das pessoas que falam, em representações concretas, sociais e históricas. É característica primordial do romance a imagem da linguagem do personagem. A imagem da linguagem pode se apresentar como imagem de arte

literária, na medida em que se converte em discurso das bocas que falam<sup>15</sup>.

No romance se demonstra a natureza das linguagens sociais com a sua lógica interna e a sua necessidade interna atrás de cada enunciado. A imagem revela não apenas a realidade, mas as virtualidades da linguagem dada, seus limites ideais, por assim dizer, seu sentido, sua verdade e sua limitação. Nesse sentido, conforme Bakhtin (2002), podemos relacionar todo o processo literário de criação do modelo da linguagem no romance em três categorias básicas: 1. hibridização, 2. inter-relação dialogizada das linguagens, e 3. diálogos puros.

Essas categorias estão inter-relacionadas no tecido literário único da imagem da linguagem. A hibridização consiste numa mistura de duas linguagens sociais no interior de um único enunciado, a presença de duas consciências linguísticas, separadas por uma época e por uma diferença social das línguas. Em Voltaire este modelo da linguagem representa um híbrido linguístico intencional. Os destinos dos sujeitos que falam no romance estão diretamente relacionados ao elemento sociolinguístico. Assim, o híbrido romanescos é bivocal, duplamente acentuado, como na retórica, e também bilíngue; ele insere no horizonte literário do romance “não apenas duas consciências sociolinguísticas, duas épocas que na verdade não estão inconscientemente misturadas (como no híbrido orgânico), mas se enfrentam conscientemente e lutam sobre o campo do enunciado” (BAKHTIN, 2002, p. 157).

Nesse sentido, o diálogo do romance filosófico está relacionado fundamentalmente ao diálogo das linguagens que ecoam no pano de fundo dialógico do romance. Não se reduz ao diálogo dos personagens, mas carrega em si o aspecto multiforme infinito das características dialógicas e pragmáticas do tema. É um diálogo de forças sociais, um diálogo de tempos na obra literária que apresenta tensões entre os personagens; entre os personagens e o autor, entre o leitor e o autor; e entre o leitor e os personagens. Pois, faz irromper um choque de consciências sócioideológicas.

---

<sup>15</sup>De acordo com Bakhtin: “se o objeto específico do gênero romanescos é a pessoa que fala e seu discurso, o qual aspira a uma significação social e a uma difusão, como uma linguagem especial do plurilingüismo - então o problema central da estilística do romance pode ser formulado como o problema da representação literária da linguagem, o problema da imagem da linguagem”. Cf. BAKHTIN, M. M. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. 5. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 2002. p. 138.

Dessa maneira, ao ler o romance *O ingênuo* estamos descobrindo linguagens e a dimensão do discurso romanesco. Cada sujeito que fala no romance apresenta um argumento. Isso se refere ao desvelamento das linguagens sociais e das ideologias no romance, revelando-as e consagrando-as como fonte de experiências. O discurso do romance deve permitir a experimentação da palavra dos personagens, suas cosmovisões, costumes, mundos, motivos de ações, micromundos sociais, históricos e nacionais, as características dos mundos sócioideológicos de uma época e também a representação das idades e gerações de uma época.

Nesse sentido, o personagem “Ingênuo” enquanto um estrangeiro representa uma perspectiva do romance filosófico que contribui para o embate acerca de consciências e linguagens sociais diferentes, o choque entre línguas diversas, o jogo de sentido no diálogo entre personagens de tempos e espaços diversos, enriquecendo assim o discurso do romance. A temática do estrangeiro pode constituir também um debate fecundo acerca do emblema da verdade. É importante mencionarmos que Voltaire se contrapõe à verdade dogmática ao apresentar o pensamento filosófico do “Ingênuo”.

Nessa perspectiva, pensando sobre a interface filosofia e literatura, vale mencionar que segundo o filósofo Franklin de Matos (2001, p. 196), “[...] a verdade filosófica não se exprime apenas ao tratado rigoroso, mas também ao diálogo, ao romance, ao conto [...]”. Desse modo, como vimos, Voltaire procura apresentar a verdade filosófica em forma de romance na obra *O Ingênuo*. O próprio personagem “Ingênuo” é o arquétipo da construção da verdade filosófica. Ele representa as inquietações do filósofo Voltaire. Também pode ser reconhecido como um dos “personagens em porta-vozes da Ilustração” (MATOS, 2001, p. 172) na vasta obra de Voltaire.

Observamos neste horizonte literário que a obra denota toda a estrutura e o ápice de pensamento de uma época, as características e pormenores de grupos sociais, a noção do indivíduo e a sua inclusão na sociedade. A centralidade do escrito não gira somente em torno de costumes, moral, religião, leis e política, mas, sobretudo, acerca de um tipo ideal de ser humano, no contexto do pensamento de Voltaire.

O “Ingênuo” representaria um modelo de ser humano que considera a existência sob uma perspectiva diversa do pensamento daquela sociedade. As caracte-

rísticas presentes no protagonista são peculiares. Todo o tempo o autor tem o propósito de demonstrar o quanto “Ingênuo”, além de possuir uma nacionalidade diversa, sendo estrangeiro naquela província, é ainda diferente dos demais personagens no pensamento e na ação e, sobretudo, acerca da forma de como pensa a existência. O modo de ser do “Ingênuo” constitui a própria elaboração crítica de Voltaire neste escrito. Desse modo, o “Ingênuo” nada teria de bobo, mas seria em si mesmo a representação máxima de um filósofo que questiona os conceitos, temáticas, crenças, ordens e procura compreender as coisas em sua profundidade.

A obra também tem o propósito de denunciar as convenções sociais. A partir do personagem central, poderia se fazer a pergunta: “qual seria a finalidade das convenções sociais?” O personagem “Ingênuo” desconhecia os costumes e os fundamentos da moral, havia nele uma inocência quanto aos ditames da sociedade. A pureza do “Ingênuo” foi vista com surpresa pelos grupos sociais e rejeitada em parte. O “Ingênuo” não sabia, por exemplo, fazer reverência. Desprovido de cumprimentos formais da sociedade civilizada, não conhecia também de regras de etiqueta. Ao mesmo tempo, o personagem central possuía também qualidades, como viril e bondoso, e falava francês de um modo bastante inteligível.

Pensando ainda sobre a natureza do personagem “Ingênuo”, podemos afirmar que ele apresenta uma verdade filosófica e também existencial. No capítulo dois da obra *A personagem de ficção*, intitulado “A Personagem do Romance”, Antonio Cândido (1976, p. 52), destaca que uma obra literária, sobretudo um romance, só se realiza plenamente quando comunica aos leitores “a impressão da mais lídima verdade existencial”, por meio de um “ser fictício”. Enquanto uma criação da fantasia, o ser fictício dialoga com o ser vivo também presente no personagem, constituindo a própria concretização do modo de ser do personagem. Desse modo, o personagem “Ingênuo”, especialmente, constitui um ser fictício da narrativa do romance, pois, como vimos, tal personagem desvela a verdade filosófica e a verdade existencial em seu modo de ser.

Nesse sentido, segundo Antonio Cândido (1976, p. 57)

a marcha do romance moderno (do século XVIII ao começo do século XX) foi no rumo de uma complicação crescente da psicologia

das personagens, dentro da inevitável simplificação técnica imposta pela necessidade de caracterização. Ao fazer isto, nada mais fez do que desenvolver e explorar uma tendência constante do romance de todos os tempos, acentuada no período mencionado, isto é, tratar as personagens de dois modos principais: 1) como seres íntegros e facilmente delimitáveis, marcados dum vez por todas com certos traços que os caracterizam; 2) como seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, mas tem certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério. Deste ponto de vista, poderíamos dizer que a revolução sofrida pelo romance no século XVIII consistiu numa passagem do enredo complicado com personagem simples, para o enredo simples (coerente, uno) com personagem complicada.

Voltaire apresenta essa psicologia dos personagens, especialmente, no personagem complexo “Ingênuo”. No capítulo terceiro da obra *O ingênuo*, o hurão, chamado o “Ingênuo”, é, por fim, convertido. Esse momento da narrativa denota, especialmente, o fanatismo religioso daquela sociedade, impondo uma religião ao estrangeiro como exclusivamente verdadeira, respectivamente, ressalta a intolerância religiosa daquela sociedade. Há uma forte aversão à aspectos centrais da cultura do estrangeiro, em especial, à questão da religião. Já que nessa sociedade religião e Estado estavam diretamente relacionados, não aceitar a religião dessa nação era o mesmo que estar contra a nação.

No capítulo quinto do escrito ressalta-se o paralelo entre a convenção social e a vontade. Nesse sentido, o “Ingênuo” é a representação da vontade em toda a sua potência, já St. Yves também representaria as convenções sociais. O casamento para St. Yves só seria realizado com o consentimento geral, em face disso o “Ingênuo” enfatiza a relevância e legitimidade da vontade. Nesse sentido, destaca “Ingênuo”: “que, quando dois estão de acordo, não há necessidade de um terceiro para acomodá-los” (VOLTAIRE, 1972, p. 316). A concepção de compromisso é, então, diferente para ambos os personagens. A narrativa mostrará, por fim, que a força de vontade do “Ingênuo” não foi suficiente para a realização do casamento diante do controle exercido pelas convenções sociais.

O personagem “Ingênuo” é a expressão da autonomia da vontade e da liberdade humana, sobre isso se destaca: “– Não consulto ninguém - alegou ele - quando tenho vontade de comer, de caçar, ou de dormir” (VOLTAIRE, 1972, p. 316). O espírito crítico do “Ingênuo” em face da sociedade francesa e do clero é evidenciado: “todos os dias descubro que fazem aqui uma infinidade de coisas que não estão no seu livro, e que nada fazem de tudo o que ele diz” (VOLTAIRE, 1972, p. 317). O personagem denota, com isso, a hipocrisia da sociedade civilizada, como uma sociedade de aparências, e também representa uma crítica às doutrinas da igreja. Desse modo, como verificamos, ao longo da obra, há debates em torno de questões de costumes e moral. Podemos observar uma ênfase numa “transvaloração dos valores cristãos” a partir do personagem central “Ingênuo”, fundamentada na perspectiva racionalista de Voltaire. Nesse sentido, há o “modo de ser” do “Ingênuo” e a moral do homem civilizado. Assim, Voltaire combate o clero católico, em especial os jesuítas, empregando a ironia para atacar todos que se submetem às normas da igreja e além disso, convocando o leitor para um pensar mais crítico e filosófico.

## Considerações Finais

Esta pesquisa procurou apresentar algumas características que consideramos relevantes acerca da natureza do romance filosófico. Elegemos o escrito *O ingênuo* de Voltaire por constituir importantes perspectivas filosóficas e demonstrar a intencionalidade do autor para além do período da criação literária, atingindo diferentes épocas. Observamos o emprego da ironia no romance filosófico de Voltaire como característica peculiar do autor. Consideramos também relevante, ao longo do texto, a perspectiva do perfil do personagem central para a compreensão do romance. Desse modo, verificamos que Voltaire utiliza o modelo de personagem estrangeiro e viajante, enfatizando uma curiosidade intelectual que não deixa de ser filosófica na figura do personagem “Ingênuo”. Consideramos que o escrito é, simultaneamente, um romance de formação e um romance filosófico. Sobretudo, entendemos a importância da interface filosofia e literatura para se compreender a essência da criação literária do romance filosófico.

## Referências bibliográficas

- BAJTÍN, M; *El método formal en los estudios literarios. Introducción crítica a una poética sociológica*. Madrid: Ed. Alianza Editorial, 1994.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 2002.
- CÂNDIDO, A. A personagem do romance. In: \_\_\_\_\_. [Et al]. *A personagem de ficção*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976. p. 51-80.
- MATOS, F. D. *O filósofo e o comediante: ensaios sobre literatura e filosofia na ilustração*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- \_\_\_\_\_. “O Ingênuo” e as aventuras da formação. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 nov. 1994, p. 10.
- MILLIET, S. Introdução. In: VOLTAIRE. *Contos*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- PRADO JR., B. *A retórica de Rousseau e outros ensaios*. Organização e apresentação: Franklin de Mattos. Trad. Cristina Prado. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2008.
- STAROBINSKI, J. *As máscaras da civilização*. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 2001.
- VOLTAIRE. *Contos*. Trad. Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- \_\_\_\_\_. *O pensamento vivo de Voltaire*. Apresentado por André Maurois. Tradução: Lívio Teixeira. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.